

# Ressonâncias borgeanas

Bruno Andreotti\*

## Jorge Luis Borges

*Ficções*

São Paulo: Companhia das Letras, (2007), 196 p.

Jorge Luis Borges. Um nome que dispensa apresentações e um livro que as torna desnecessárias, pois reúne os contos publicados sob o título *O jardim das veredas que se bifurcam* (de 1941) (exceto “A aproximação de Almotásim”, incluso em outra obra) e também os contos de *Artifícios* (1944). As narrativas que compõe o livro figuram entre as mais célebres do autor e trouxeram-lhe o devido reconhecimento, cuja atual edição pela Companhia das Letras ainda conta um atrativo a mais: a belíssima capa de Aluisio Carvão, denominada simplesmente *composição em vermelho e preto* (1950).

Por tudo isso, uma resenha que tivesse como objetivo tecer um comentário, descrição ou resumo seria, à primeira vista, também dispensável e desnecessária, embora pudesse prender-nos numa interessante espiral, pois para Borges, resumos e comentários sobre vastos livros são preferíveis, notas sobre livros imaginários mais interessantes... Um resumo de um livro que almeja ser um resumo, cuja série poderia se estender ao infinito...

Proponho algo mais e algo menos que tal empreendimento: assinalar vizinhanças, ecos, ressonâncias entre alguns textos do livro e alguns aspectos das obras de filósofos como Deleuze e Nietzsche, sendo Borges notório leitor do último, tendo, inclusive, publicado alguns ensaios sobre o filósofo-dinamite. Começemos.

Em *Funes, o memorioso*, somos apresentados a Ireneo Funes, um homem que, em sua juventude, devido a uma queda de cavalo, torna-se

---

\* Mestre em Ciências Sociais pela PUC-SP e integrante do Nu-Sol. E-mail: brandreotti@gmail.com

paralítico mas, ao mesmo tempo, possuidor de uma percepção e memória absolutamente infalíveis, a ponto de, sozinho, “ter mais lembranças que terão tido todos os homens desde que o mundo é mundo”, sendo capaz de projetar um idioma em que cada coisa tivesse seu nome próprio, mas que o rejeita por ser demasiado geral e ambíguo, afinal, para Funes, o cachorro das três horas e catorze minutos, visto de perfil, era tão diferente do cachorro das três e quinze, visto de frente, que lhe parecia um absurdo que seres tão díspares pudessem ser designados pela mesma palavra. É a própria rejeição da existência do *conceito* de cachorro. Todo conceito, para Nietzsche, nasce da igualação do não-igual: é a própria desconsideração do individual e do efetivo que faz do conceito possível. A enigmática percepção e memória de Funes o impossibilitava de formular conceitos, ou permitia-lhe formulá-los de um outro modo, um conceito que não designasse uma essência, mas uma circunstância... Tal qual Deleuze sugeriu: conceitos que pudessem dar conta dos diferentes modos de individuação, a individuação de uma hora do dia, ou da noite, de um clima, de um rio, de um acontecimento...

Em *Pierre Menard, autor de Quixote*, temos uma inusitada aproximação da idéia nietzschiana do eterno retorno (que também pode ser vista em *Tema do traidor e do herói*) e dos múltiplos tempos deleuzianos. A realização que Menard propõe-se é um disparate: escrever *Dom Quixote*. Descartando a idéia inicial de tentar uma imitação da vida e dos hábitos de Cervantes, Menard tenta algo ainda mais audacioso: ser Menard e escrever o clássico. Para ter sucesso, inventa uma nova técnica de leitura, a do “anacronismo deliberado e das atribuições errôneas”, que consiste em “percorrer a *Odisséia* como se fosse posterior à *Eneida* e o livro *Le jardin Du Centaure*, de madame Henri Bachelier, como se fosse de madame Henri Bachelier”. Técnica capaz de povoar de aventuras os livros mais pacatos. O número das possibilidades é maior que o das efetividades, diz Nietzsche, e a técnica de Menard só se constitui em um anacronismo se temos como referência o tempo linearmente encadeado de Cronos.

Em *O jardim de veredas que se bifurcam*, somos convidados a ter uma outra experiência com o tempo. No conto, Ts’ui Pên retira-se do

mundo para compor um livro e um labirinto. Após sua morte não se encontram mais que textos caóticos e nenhum labirinto. Um mistério desvendado pelo bárbaro inglês Stephen Albert: no tempo linear, um homem se defronta com diversas alternativas, deve escolher uma e abandonar as demais, mas no livro de Ts'ui Pên um homem opta simultaneamente por todas, criando diversos tempos que se proliferam e se bifurcam. O labirinto foi construído no tempo e não no espaço. O livro e o labirinto eram a mesma coisa. Para Deleuze, o acontecimento tem duas faces: o estado de coisas e o seu devir. O estado de coisas é a parte do acontecimento que se efetua, que se pode apreender do acontecimento, sua determinação. É aquilo que foi. Já o devir é a parte do acontecimento que não se efetua, que escapa à história, que não se reduz ao estado de coisas, que continua em um devir. Na medida em que se furta ao presente, o devir não suporta nem separação nem distinção entre antes e depois, entre passado e futuro, a própria intempestividade nietzschiana, o próprio livro-labirinto de Ts'ui Pên.<sup>1</sup>

O tema do tempo cindido ainda retorna em *O milagre secreto*, no qual Jaromir Hladik, prestes a ser fuzilado por tropas nazistas, pede a Deus que tenha tempo de concluir seu livro, no que lhe é atendido, vivendo um ano em sua mente enquanto o tempo permanece estático ao seu redor.

Há também o tema das séries infinitas, que guarda proximidade com o dos múltiplos tempos, visto em *A biblioteca de Babel*, similar ao Universo, onde o número de livros beira o infinito, em que não existem dois livros iguais, sendo que são compostos pelas quase infinitas combinações de vinte e cinco símbolos gráficos. Devido à vastidão da Biblioteca, basta que um livro seja possível para que sua existência possa ser admitida.

A explicitação de todos os temas e ressonâncias que povoam o livro tornaria a resenha enfadonha, além de extrapolar seus limites. Um leitor

---

<sup>1</sup> A proximidade do conto de Borges com os múltiplos tempos deleuzianos já foi assinalada por Peter Pál Pelbart em *O tempo não-reconciliado*.

atento e sensível também as encontrará, e não só com Nietzsche e Deleuze, já que o tratamento filosófico é uma das características do autor.

Talvez a hipótese da existência dessas ressonâncias não encontre sólidas comprovações empíricas, ou que estas sejam por demais tênues para que esses ecos apontados sejam dignos de alguma relevância. É possível. Mas, como diz Erik Lönnrot, personagem de *A morte e a bússola*: possível, mas não interessante. A realidade pode prescindir da obrigação de ser interessante, mas não as hipóteses.